

2013

Guia de orientação sobre Parabadminton



Marcelo de Castro Haiachi
(Organizador)



FEDERAÇÃO SERGIPANA DE BADMINTON

FEDERAÇÃO SERGIPANA DE BADMINTON

PRESIDENTE

Wendel Mota Ribeiro

VICE-PRESIDENTE

Marcelo de Castro Haiachi

DIRETOR ADMINISTRATIVO

Ailton Fernando Santana de Oliveira

DIRETOR FINANCEIRO

Francisco Adriano Alves Mendonça

DIRETOR DE COMUNICAÇÃO

Gladston Lisboa de Menezes

DIRETORA TÉCNICA E DE DESENVOLVIMENTO

Roberta Santos Kumakura

DIRETOR DE ARBITRAGEM

João de Andrade Júnior

DIRETORA DE PARABADMINTON

Maria Gilda dos Santos

GUIA DE ORIENTAÇÃO SOBRE PARABADMINTON

Marcelo de Castro Haiachi
(Organizador)

ARACAJU

FEDERAÇÃO SERGIPANA DE BADMINTON

2013

Copyright © by Marcelo de Castro Haiachi

Capa: Marcelo de Castro Haiachi
Revisão: Roberta Santos Kumakura

TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS AOS AUTORES – Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucros ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja expresse menção do nome do autor, título da obra, editora e paginação. A obra poderá ser reproduzida a fim de tornar um exemplar físico para depósito em bibliotecas desde que comunicados os autores. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Título: Guia de orientação sobre Parabadminton.

Organizador: Marcelo de Castro Haiachi.

Capa: Marcelo de Castro Haiachi.

Citação: Guia de orientação sobre Parabadminton. Marcelo de Castro Haiachi (Organizador). Aracaju: Federação Sergipana de Badminton, 2013. 49p.

APRESENTAÇÃO

A Federação Sergipana de Badminton tem a oportunidade de poder contribuir para o desenvolvimento da prática de atividades esportivas para pessoas com deficiência no Estado de Sergipe. O guia de orientação surge a partir da necessidade de informar a todos os profissionais que militam na modalidade (professores, alunos, diretores e coordenadores esportivos) que nenhuma limitação física, sensorial ou intelectual pode impedir o desenvolvimento das atividades esportivas já que a mesma pode ser utilizada como: ferramenta terapêutica, atividade de reabilitação, forma de lazer ou rendimento esportivo.

Muito nos orgulha poder contribuir para o desenvolvimento dos esportes adaptados em Sergipe e fazer com que cada vez mais, novos adeptos sejam contaminados por esta prática saudável e divertida. Nosso foco está no combate ao sedentarismo e na construção de hábitos saudáveis de vida.

Convido a todos para aprofundar um pouco mais seus conhecimentos sobre esta nova atividade promovida pela Federação Sergipana de Badminton em parceria com a Universidade Federal de Sergipe através do Projeto Paradesportivo de Sergipe.

Cordialmente,



Wendel Mota Ribeiro

Presidente da FSBd

**One Sport, One Team
Badminton and Parabadminton
Practice this idea!**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
ORIGEM.....	7
REGRAS	9
ORIENTAÇÕES GERAIS.....	9
EQUIPAMENTOS	9
ESPECIFICAÇÕES DA CADEIRA DE RODAS.....	14
CLASSES ESPORTIVAS.....	15
ÁREA DE JOGO	37
PRIMEIROS DESAFIOS	39
ORIENTAÇÕES PARA OS TREINOS	41
PPdSE	44
ACESSE	46
SOBRE OS AUTORES.....	47

ORIGEM

Wendel Mota Ribeiro
Marcelo de Castro Haiachi

A origem do Parabadminton ainda é um mistério para muitas pessoas, poucas são as referências sobre seu surgimento. Encontramos suas primeiras informações na rede mundial de computadores através de um blog (<http://parabadminton.blogspot.com.br>) organizado pelo Professor Létisson Samarone, precursor da modalidade no país. Na cidade Aylesbury, mais especificamente no condado de Buckinghamshire, surge a primeira informação referente à modalidade no pequeno vilarejo de Stoke Mandeville (GBR), em 1995. Considerado o berço dos esportes adaptados, em função da iniciativa do neurocirurgião Ludwig Guttmann de utilizar o esporte como ferramenta de reabilitação de lesionados medulares, o vilarejo abre a possibilidade de iniciar a construção de um cenário propício para implantação da modalidade. A confirmação veio com a estruturação da International Badminton Association for Disability - IBAD em 1999, órgão vinculado a Badminton World Federation (BWF), entidade que rege a modalidade no mundo. A realização de competições ocorria de forma esporádica nos países europeus. Destacamos o Campeonato Internacional de Dortmund (GER) o único campeonato que vem sendo realizado sistematicamente desde 2000. A modalidade apresentava adaptações e regras diferenciadas dependendo do país em que fosse jogado. Em 2002 a IBAD organizou estudos das regras para que a modalidade tivesse uma regra única e que fossem definidas qual a classificação funcional e deficiência que o esporte iria contemplar.

Em 2005, com a entrada dos países asiáticos nas competições organizadas pela IBAD, tivemos um grande avanço na quantidade de atletas no número de competições e na sua qualidade técnica. No Brasil a primeira competição oficial organizada por uma federação estadual ocorreu em Brasília (2008). O ano de 2009 marcou a primeira participação dos atletas brasileiros em eventos internacionais fato este que ocorreu no Campeonato Internacional de Dortmund (GER). Essa participação desbravadora levou a IBAD a convidar o Brasil para participar do mundial da modalidade na Coreia do Sul. Por motivos financeiros os cinco atletas convidados não participaram da competição, mas colocou o país no cenário internacional do Parabadminton.

A partir desta mobilização a Confederação Brasileira de Badminton (CBBd) criou a diretoria de Parabadminton, o que facilitou a organização de duas etapas estaduais em Brasília e a realização do 1º Campeonato Brasileiro da Categoria na mesma cidade. A estrutura organizacional ainda está sendo consolidada. Em termos internacionais a

modalidade possui um Comitê Internacional com representantes continentais (África, Ásia, Europa, Oceania e Panamerica). Na Reunião dos dirigentes continentais de 2009, realizada na Coreia do Sul, foram definidas as seguintes questões: a IBAD deixará de ser uma associação e passará a ser uma Federação internacional – Parabadminton World Federation (PBWF); nos eventos cancelados pela entidade será utilizado o termo Parabadminton para designar e padronizar a modalidade; proposta de calendário baseado na realização de campeonatos mundiais nos anos ímpares e torneios continentais nos anos pares.

A partir do esforço dos amantes da modalidade, o Brasil consegue sediar o I Jogos Panamericanos em 2010, fato que enche de orgulho atletas, técnicos e dirigentes que passam a ver o Parabadminton com outros olhos. Dessa forma, facilitou-se o trabalho de massificação da modalidade, o que foi comprovado pela participação do país em competições internacionais como o Campeonato Mundial de 2011, realizado na Guatemala, onde foram reunidos 140 atletas de 25 países e o Torneio Internacional da Alemanha, realizado em Dortmund, considerado por muitos a principal competição depois do campeonato mundial.

Ainda se tem muito a fazer, principalmente no país que vai sediar o maior evento Paradesportivo do mundo, os Jogos Paraolímpicos do Rio de Janeiro em 2016. Mesmo não sendo uma modalidade paraolímpica o Parabadminton precisa conquistar seu espaço para que em 2020 tenha a possibilidade de entrar para o seleto grupo de modalidades paraolímpicas.

É por este motivo que adotamos a partir de agora o slogan: Badminton e Parabadminton – Um esporte, um time. Pratique essa ideia! É a contribuição da Federação Sergipana de Badminton para o desenvolvimento do Parabadminton brasileiro. Junte-se a nós!!!

REGRAS

Marcelo de Castro Haiachi

Maria Gilda dos Santos

Ana Paula de Lima Ferreira

ORIENTAÇÕES GERAIS

A altura da rede apresentou em um primeiro momento uma variação de acordo com a classificação funcional dos atletas. Em virtude da unificação de classes a PBWF decidiu utilizar, em caráter experimental, a mesma altura da rede do badminton convencional (1,524m no centro da quadra e 1,55m na linha lateral de duplas). A quadra apresenta as mesmas dimensões, sendo destacadas apenas algumas adaptações em relação à área de jogo e à área de saque.



Fonte: Comitê Olímpico Brasileiro.

No Parabadminton o servidor e receptor deverão permanecer nos locais apropriados. No caso de atletas na cadeira de rodas, as mesmas deverão estar estacionadas (paradas) no momento do saque e da recepção. O movimento da raquete durante o saque deve ser abaixo da cintura no caso dos andantes e das axilas para os usuários de cadeira de rodas. No caso de duplas, segue modelo do badminton convencional.

EQUIPAMENTOS

Para a prática do badminton é necessária a utilização de alguns materiais e equipamentos que estão bem descritos no site da Confederação Brasileira de Badminton.

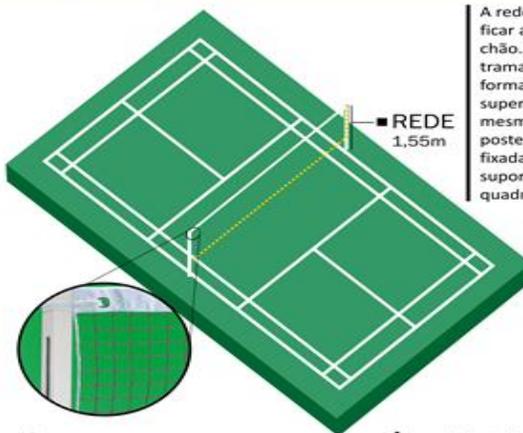
Para uma melhor visualização acesse o <http://www.badminton.org.br/equipamentos>. Fazem parte dos equipamentos do badminton: a quadra, a rede, a peteca, a raquete, tênis, cotoveleiras, tornozeleiras, joelheiras, bolsas, cushion, grips, overgrips e óculos.

EQUIPAMENTOS BADMINTON - QUADRA E REDE

O Badminton pode ser praticado em qualquer ambiente. Como lazer e recreação não existe exigência para ser praticado ao ar livre. Para treinamentos e competições o ideal é que seja jogado em quadra coberta onde não ocorram correntes de ar. Não é aconselhado, também, o uso de sistema de ventilação que movimente o ar, o que atrapalharia o jogo.

O piso da quadra deve ser feito de material antiderrapante, e suas marcações serão feitas de cores facilmente identificáveis (branco ou amarelo). O espaço entre a quadra e as paredes que cercam o recinto deve ter no mínimo 1m até as paredes laterais, e 1,5m para as paredes de fundo.

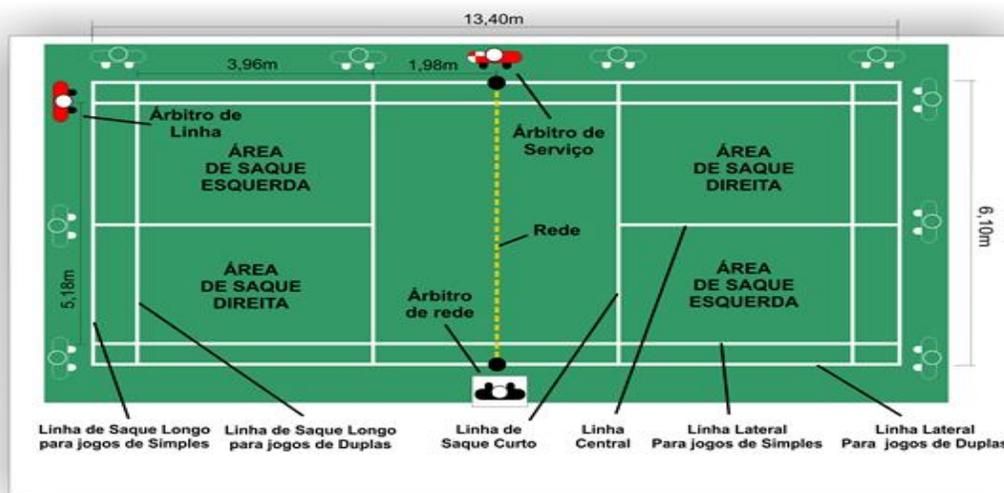
As paredes de fundo e laterais devem ter a cor diferente da tonalidade da peteca. O contraste é muito importante para facilitar a aplicação dos golpes.



A rede de badminton deve ficar a 1,55m de altura do chão. Ela deve ter uma trama bem esticada de forma que seus fios superiores fiquem no mesmo alinhamento dos postes. A rede pode ser fixada em postes ou em suportes fora da área da quadra.

A fita branca colocada ao longo da borda superior da rede tem um revestimento de 75 mm. Esta fita branca é destinada para fazer a rede visível facilitando com que a peteca passe por cima da mesma, bem como contribuindo com maior visibilidade dos jogadores, espectadores e árbitros. A fita deve ser padrão durante a partida, de outra forma, o jogo é considerado inválido.

A rede de Badminton deve ser feita de fio de fibra natural (algodão) ou artificial (nylon) de cor preta ou de tonalidade escura. A malha deve ter como espessura padrão entre 15 a 20 mm. Os postes têm de permanecer na vertical, apoiando a rede. Além disso, não pode haver nenhum espaço entre as bordas da rede e os postes.



Badminton Esporte de Conquistas! Rumo a Rio 2016.
Badminton, sport achievements! Towards Rio 2016.

EQUIPAMENTOS BADMINTON - PETECA



Especificações técnicas:

Peso da peteca: 4,74 a 5,50g
 Diâmetro da base: 2,5 a 2,8cm
 Diâmetro da saia: 5,8 a 6,8cm
 Composição da base: Cortiça natural ou poliuretano envolvida com couro branco.
 Pena: 16 unidades uniformes
 Altura da pena: 6,2 a 7cm fixadas à base
 Altura da peteca: 9 a 9,8cm



Curiosidades:

As petecas sintéticas possuem uma gradação que relaciona cores com a velocidade da peteca. Já as de penas possuem uma escala numérica para designar as velocidades. Esta escala vai de 73 a 85 grains (1 grain = 0.065 gramas), sendo a de 85 grains a mais rápida.

A peteca pode atingir a velocidade 421 km/h onde o recorde atual é de Tan Boon Heong, da Malásia

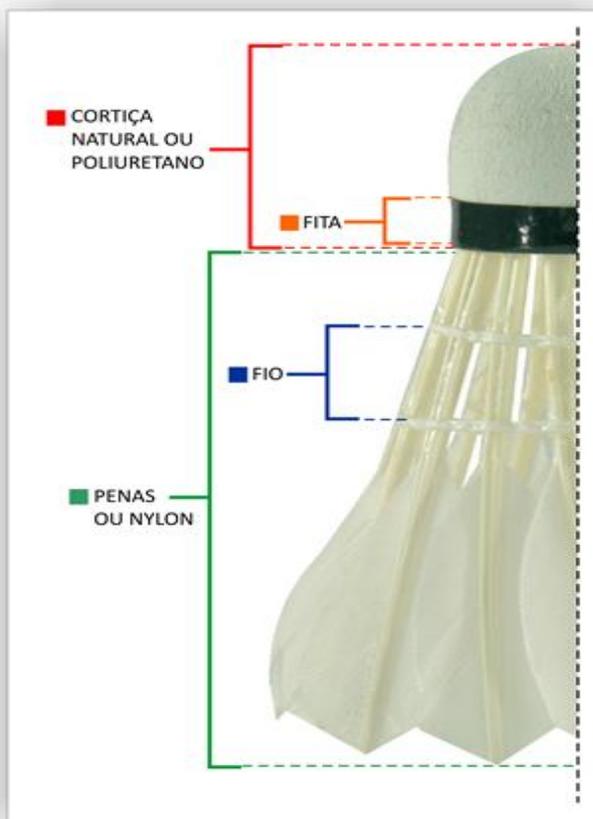
O Badminton é o esporte de raquete mais veloz no mundo.

A velocidade da peteca, no calor, é mais rápida. No inverno é o oposto, é mais lenta. Se estiver jogando em lugares de alta altitude, use uma peteca com velocidade mais lenta.



Badminton Esporte de Conquistas! Rumo a Rio 2016.
 Badminton, sport achievements! Towards Rio 2016.

- A "bola" usada no Badminton é uma frágil e aerodinamicamente eficiente peteca. As petecas usadas em competições pesam entre 4.74 e 5.50 gramas.
- Existem dois tipos de petecas, as tradicionais, feitas com penas de ganso e as sintéticas, feitas de nylon. Ambas possuem bases esféricas feitas de cortiça ou poliuretano. A esta base estão fixadas 16 penas, e no caso das petecas de nylon, uma "saia" deste material. Jogadores profissionais só utilizam as petecas de penas, que só duram algumas disputas de pontos, pois as penas não suportam os golpes.
- As petecas sintéticas são mais usadas por jogadores amadores, iniciantes e para treinamento. Estas petecas têm o preço mais acessível do que as petecas de penas e duram muito mais. Seja qual for a peteca escolhida, certifique-se que ela foi testada para alcançar a velocidade correta necessária no local onde se realizarão as partidas.
- A velocidade da peteca está associada com a pressão atmosférica e a temperatura ambiente do local onde o Badminton será praticado, em outras palavras, com a resistência do ar e altitude.
- A peteca também é conhecida em outros países pelos seguintes nomes: *Pluma, volante, shuttlecock e bird.*



EQUIPAMENTOS BADMINTON - RAQUETE E CORDA

ÁREA DE CORDAS



As cordas são as partes mais importantes da raquete, permitindo um golpe certo e rápido. É vital que o encordoamento tenha a pressão certa, não podendo ser frouxo nem muito apertado. Normalmente, as cordas devem ter uma tensão de 18 a 20lbs para raquetes básicas e entre 25 e 28lbs para raquetes de alto desempenho. Uma raquete de alto nível normalmente não vem com a corda. Você tem a liberdade de escolher a melhor tensão. Um encordoamento adequado dará-lhe uma melhor resistência, boa sensação, menor vibração e mais controle.

A duração das cordas na raquete depende da frequência de uso e do acondicionando em local adequado, pois pode durar de seis meses a dois anos. Se as cordas arrebentarem evite remendá-las para não causar maiores danos a raquete, repare-as imediatamente.

RAQUETE

A raquete é, sem dúvida, o principal equipamento do badminton, sendo sua escolha muito importante para um bom desempenho nas quadras. Boas raquetes não fazem um bom jogador, mas com certeza ajudam. Para os iniciantes, uma raquete de aço e alumínio servirá para pegar o jeito do esporte, com o tempo você poderá adquirir uma raquete mais leve, de grafite por exemplo. Trate bem da raquete, não a exponha ao calor e a umidade, evitando que ela empene ou que o *grip* crie fungos.

HASTE (EIXO)

Haste: O material usado aqui varia com o preço, usa-se o aço temperado e o grafite e suas combinações (com fibra de vidro, boro etc.). O Kevlar, material já usado nas indústrias naval e aeroespacial, está sendo usado pelas fabricantes de raquetes. Ele é conhecido pela sua relação peso-durabilidade, isto é, ele tem a mesma resistência do aço, com apenas 20% do seu peso. O kevlar é sem dúvida uma excelente inovação com relação aos materiais usados na fabricação de raquetes.

Especificações técnicas:

Peso: 85 à 110g
Comprimento: 67cm
Empunhadura: 8.6 a 9.2cm



ARMAÇÃO (CABEÇA)

Esta também é feita de grafite e seus aditivos ou de alumínio. Evite as raquetes todas de aço, pois armações deste material tendem a ser pesadas e mal-balanceadas. A armação deve ser rígida e possuir buracos com protetores de plásticos flexíveis para receber o encordoamento.

T-PIECE (GARGANTA)

Uma boa maneira de saber se a raquete é de metal ou de grafite é notando se a mesma possui uma peça na forma de "T" (T-piece) unindo a haste a armação. As raquetes de grafite e compostos são moldadas em uma peça só (haste+armação).

EMPUNHADURA

O jogador deve conferir o tamanho do punho que lhe parecer mais confortável. Os punhos das raquetes variam com o comprimento entre 8.6 a 9.2 cm. Deve-se usar um *grip* que proporcione conforto e segurança durante o jogo.



Badminton Esporte de Conquistas! Rumo a Rio 2016.
Badminton, sport achievements! Towards Rio 2016.

EQUIPAMENTOS BADMINTON - OUTROS EQUIPAMENTOS



■ TÊNIS (SAPATOS)

É importante usar tênis que proporcionem conforto e firmeza, para que o jogador tenha arranque no jogo. Os tênis usados para praticar o Badminton devem ser acolchoados por dentro e flexíveis, podem ser de nylon e couro com um solado de borracha mole com ranhuras que deem o atrito necessário para as arrancadas e voltas dadas pelo atleta no jogo. Evitar os solados da cor preta que podem deixar marcas na quadra. Hoje é possível praticar Badminton utilizando tênis especialmente desenvolvido para esse esporte.

■ COTOVELEIRAS, TORNOZELEIRAS E JOELHEIRAS

A função desses equipamentos são imobilizar as articulações parcialmente. Recomendados para dar maior firmeza durante o jogo ou para combater lesões e para serem utilizados nos casos em que o atleta se machuca, mas não é nada sério, podendo continuar treinando/jogando porque a dor vai passar em poucos dias.

Esses equipamentos também são usados por atletas iniciantes que não estão acostumados a movimentos bruscos e dentro de 3 semanas a 1 mês consegue fazer os movimentos sem a utilização dos mesmos.

A tornozeleira, cotoveleira ou joelheira são utilizadas para não piorar as dores mas lembre-se, caso tenha alguma lesão deve-se ir ao ortopedista para saber se é grave ou não.



■ BOLSA DE BADMINTON

A bolsa de raquetes é um equipamento de apoio para os atletas. Existem vários modelos e tamanhos com acabamento térmico interno ou não. Esse acabamento térmico é importante para evitar a perda de calibragem das cordas e deformação das raquetes. A bolsa é a melhor forma para organizar o material esportivo que, além de proteger as raquetes e petecas, também serve para levar toalhas, camisetas, talco para as mãos, munhequeiras atoadadas, tênis, material de higiene pessoal, etc.

■ CUSHION, GRIPS E OVER-GRIPS

Quando compramos as raquetes de badminton elas já vem com uma proteção na empunhadura. Esta proteção é o Cushion, que nada mais é que um protetor almofadado para a empunhadura que tem algumas funções específicas, como: Absorver parte da vibração gerada pela raquete, absorver suor, melhorar o conforto, aumentar a aderência e servir de base para colocação de um Grip ou Over-grip.

O Cushion é um material sintético e deve ser substituído periodicamente. Sua troca é recomendada quando estiver muito úmido e não estiver absorvendo mais o suor, sendo assim, não tendo mais aderência tornando-se desconfortável. Pode-se perceber esse estado quando o atleta precisa segurar a raquete com mais força, que é um sinal para a troca do Cushion.

Os Grips ou Over-Grips são colocados por cima do Cushion e são recomendados para dar maior firmeza e conforto às mãos e dedos ao segurar a raquete durante o jogo.

Existem vários modelos de Grips sendo eles atoadados, emborrachados lisos e emborrachados com ranhuras. Esses Grips podem ser de gramaturas diferentes e podem ser substituídos rapidamente conforme a necessidade do atleta.



■ ÓCULOS

Pouco visto em competições, porém muito útil. Não é aconselhado o uso de óculos com lentes escuras. É importante escolher uma armação adequada para evitar quedas durante a partida. Os jogadores profissionais tendem a usá-lo com maior frequência e é considerado um Equipamento de Proteção Individual (EPI). Numa partida ou em treinamentos é recomendado o uso desse equipamento de proteção, pois contusões nos olhos podem ser perigosas devido à alta velocidade que a peteca atinge. O uso também é necessário para aqueles que utilizam óculos como correção visual.



ESPECIFICAÇÕES DA CADEIRA DE RODAS

A cadeira deverá ser dotada de certos requisitos (medidas), no intuito de garantir a segurança e igualdade na competição. Deverá ter 5 ou 6 rodas; duas rodas grandes localizadas na parte lateral da cadeira, duas rodas pequenas na parte da frente e duas ou uma na parte traseira. A regra permite que estas rodas posicionadas na parte traseira sirvam para evitar a queda dos atletas durante a partida proporcionando uma maior segurança ao jogador. Segue os modelos descritos acima na figura 01.



Figura 1: cadeira de rodas esportiva específica para o Parabadminton.

Os pneus traseiros deverão ter um diâmetro máximo de 0,66m e a roda deverá possuir um aro para o seu manejo (impulsão). A altura máxima do assento não pode exceder a 0,53m do solo e o descanso para os pés não poderá ultrapassar os 0,11m do solo, com as rodas dianteiras em posição alinhada para movimento para frente. A parte de baixo do descanso para os pés deverá ser desenhada de tal maneira que proporcione pleno apoio e estabilidade ao atleta e não danifique a superfície da quadra.

O jogador deve usar uma almofada de material flexível sobre o assento da cadeira onde a mesma deverá ser da mesma largura e comprimento do assento da cadeira e não pode exceder 0,10m de espessura, exceto para os jogadores das classes mais altas onde a espessura máxima permitida é de 0,05m. Os jogadores são obrigados a usar cintas e suportes para segurar o corpo na cadeira e cintas para manter as pernas juntas.

É permitida a utilização de órteses e próteses para os atletas que podem jogar em pé. Não são permitidos pneus pretos, mecanismos de direção, freios ou mecanismos de

acionamento na cadeira. Antes do início da partida, o árbitro fará a vistoria em todas as cadeiras para verificar se estão de acordo com os requisitos do jogo.

A cadeira de rodas é considerada parte do jogador, sendo permitido ao mesmo sair da quadra durante o jogo para fazer os devidos procedimentos de cateterismo, desde que não ultrapasse 3 minutos de intervalo e o mesmo deverá ser acompanhado de um funcionário. O atleta também será autorizado a reparar avarias nas rodas, desde que seja feito o mais rápido possível. Durante os golpes, o tronco/quadril deve estar em contato com o acento da cadeira de rodas e os pés devem permanecer em contato com apoio da cadeira de rodas o tempo todo. Não será permitido, em nenhuma circunstância, tocar com os pés no solo.

CLASSES ESPORTIVAS

As regras apresentam as mesmas características do jogo de badminton convencional. Em função do nível de comprometimento motor a competição de Parabadminton é dividida em quatro classes esportivas: Wheelchair (cadeirantes), Standing (andantes com comprometimento de membros inferiores e superiores), Short Stature (baixa estatura – acondroplasia) e Special Impairment (comprometimento especial – deficiência intelectual, auditiva e les autres).

Cada uma destas classes apresenta subdivisões determinadas de acordo com o nível de funcionalidade dos atletas. Para uma melhor identificação em relação a sua limitação é necessário que o mesmo passe por uma banca de classificação funcional, muito comum no esporte adaptado. A partir desta classificação, as regras do jogo podem ser adaptadas com o intuito de facilitar o desenvolvimento do jogo e um melhor nivelamento das partidas.

Na classe Wheelchair (WH) os atletas podem ser divididos em dois grupos: WH1 e WH2. Para facilitar a visualização e entendimento sobre a questão da classificação foram estabelecidos alguns critérios, descritos no quadro 1. Para a classe Standing (SL) os atletas são divididos em três grupos: SL3, SL4 e SU5, descritos no quadro 2. A classe Short Stature (SS) é destinada aos atletas que possuem um comprometimento físico relacionado à estatura, mais conhecido como acondroplasia (nanismo). A classe SS6 e suas características estão descritas no quadro 3. Todas estas descrições foram traduzidas e adaptadas do Regulamento de Classificação da PBWF disponibilizadas no endereço: <http://www.bwfbadminton.org>

A banca de classificação deve ser formada por um Classificador Chefe e mais dois classificadores. O classificador deve possuir experiência comprovada na avaliação funcional de atletas, ter conhecimento técnico em biomecânica e no movimento humano, conhecer os aspectos técnicos do badminton e ser um profissional da área da saúde (professor de educação física, fisioterapeuta ou médico de preferência).

Para as deficiências que não possuem comprometimento físico a PBWF não estabelece competições e critérios de classificação funcional. A Federação Sergipana de Badminton, por achar pertinente a inclusão do maior número de participantes, adotará a classe Special Impairment (SI) sendo a mesma destinada para as pessoas que possuem algum comprometimento especial, que não seja físico (deficiência intelectual, deficiência auditiva, les autres, condutas típicas e deficiência múltipla). Vale lembrar que a intenção primordial desta classe é a participação de uma prática esportiva prazerosa, desafiadora e motivante. Nos eventos será adotada a sigla e suas divisões ocorrerão de acordo com a demanda. No quadro 4 procuramos esclarecer alguns posicionamentos necessários para efetivação desta classe.

Oficialmente, além das competições oficiais promovidas pela PBWF para deficientes físicos, existem ainda a Special Olympics World Games (deficiência intelectual) e a Deaflympics (surdos) que utilizam o badminton no programa oficial dos seus eventos.

Mais do que competir em nível internacional ou nacional, é preciso ter consciência de que quanto mais esportes adaptados forem ofertados, maiores serão as chances de uma pessoa com deficiência ser reabilitada e estar inserida no convívio social.

Quadro 1: Critérios de incapacidade mínima para jogadores de badminton em cadeira de rodas.

TIPO DE INCAPACIDADE E FUNCIONALIDADE	EXEMPLOS DE CONDIÇÕES DE SAÚDE QUE POSSAM CAUSAR TAIS INCAPACIDADES	WH2 (BOM EQUILÍBRIO)	WH1 (EQUILÍBRIO MODERADO A FRACO)
<p>HIPERTONIA</p> <p>(hemiplegia, diplegia, quadriplegia e monoplegia)</p> <p>(paralisia cerebral, AVE, lesões cerebrais adquiridas e esclerose múltipla)</p>	<p><u>TÔNUS MUSCULAR ELEVADO</u></p> <p>Critérios de inclusão: Hipertonia, tônus muscular elevado.</p> <p>Critérios de exclusão: Tônus muscular reduzido.</p>	<p>Espasticidade / ataxia / hemiplegia atetóide / diplegia / quadriplegia com envolvimento severo de MI sem comprometimento ou com comprometimento leve dos MMSS ou tronco</p>	<p>Espasticidade / ataxia / hemiplegia atetóide / diplegia / quadriplegia com envolvimento marcante de MI, porém com incapacidade leve a moderada de MS ou tronco</p>
<p>ATAXIA</p> <p>Resultante de: Paralisia cerebral, lesões cerebrais, Ataxia de Friedreich, esclerose múltipla, ataxia espinocerebelar.</p>	<p><u>CONTROLE DO MOVIMENTO VOLUNTÁRIO</u></p> <p>Critérios de inclusão: Somente ataxia.</p> <p>Critérios de exclusão: Outras condições clínicas que incluam problemas de controle de movimento voluntário que não se enquadrem como ataxia.</p>	<p>Demonstração de limitação funcional decorrente de espasticidade, ataxia, atetose ou movimentos distônicos das pernas que requerem a utilização de órteses para marcha.</p> <p>Um deslocamento do centro de gravidade pode levar a perda de equilíbrio. Ex.: durante tentativa de pivô ou parada brusca com retomada do movimento</p>	<p>Demonstração de incapacidade funcional decorrente de espasticidade, ataxia, atetose, ou movimentos distônicos de membros superiores ou tronco durante o treino ou jogo.</p>
<p>ATETOSE</p> <p>(Coréia, atetose. Ex.: decorrente de paralisia cerebral)</p>	<p><u>CONTRAÇÕES MUSCULARES INVOLUNTÁRIAS</u></p> <p>Critérios de inclusão: Atetose, coréia.</p>	<p>Clara evidência deve incluir: Grau 3 de incapacidade dos MMII impossibilitando a marcha por longas distâncias sem auxílio de</p>	

	<p>Critérios de exclusão: Distúrbios de movimentos relacionados ao sono.</p>	<p>órteses</p> <p>Geralmente, a cadeira de rodas é a escolha para esse esporte.</p>	
<p>DEFICIÊNCIA DE MEMBROS (Amputação resultante de traumas ou deficiência congênita - dismelias)</p>	<p><u>AUSÊNCIA TOTAL OU PARCIAL DE PARCIAL DE OSSOS OU ARTICULAÇÕES DAS EXTREMIDADES INFERIORES.</u></p>	<p>O atleta deve ter um dos seguintes critérios:</p> <p>1- Amputação unilateral acima do joelho com comprometimento do coto que não exceda a metade superior da perna não amputada.</p> <p>A medida deve ser feita a partir da espinha ilíaca antero superior (EIAS) até região medial do joelho (a partir do centro da articulação).</p> <p>*Coto deve ser medido a partir da EIAS até a extremidade óssea do compartimento medial (identificado por palpação)</p> <p>2- Amputação bilateral: através ou acima do joelho e outra abaixo do joelho (ausência completa do tornozelo).</p> <p>3- Equivalente a deficiência congênita de membros.</p>	<p>Os mesmos critérios do WH2 acrescentando-se envolvimento de pelo menos um MS com os mesmos critérios mínimos estabelecidos para os atletas que usam ou não usam o MS (SU5), critério de escoliose ou outra deformidade da coluna vertebral.</p> <p>*Critério de escoliose: Grau de deformidade ≥ 60 Cobb (através do exame de RX ou inclinômetro)</p> <p>Ou</p> <p>Amputação bilateral acima dos joelhos.</p>

AMPLITUDE DE MOVIMENTO PASSIVO PREJUDICADO (artrogripose, anquilose)

MOBILIDADE ARTICULAR

Critério de exclusão:
Hiper mobilidade articular,
capsulite adesiva.

Comprometimento da amplitude de movimento passivo que atenda a 2 dos seguintes critérios em um ou ambos os MI.

- **Critério 1:** Déficit de flexão do quadril $> 45^\circ$;
- **Critério 2:** Déficit de extensão do quadril $> 25^\circ$;
- **Critério 3:** Déficit de flexão do joelho $> 60^\circ$;
- **Critério 4:** Déficit de extensão do joelho $> 30^\circ$;
- **Critério 5:** Dorsiflexão do tornozelo $\leq 10^\circ$ e amplitude máxima passiva de no máximo 10° ;
- **Critério 6:** Flexão plantar do tornozelo $\leq 20^\circ$ e amplitude máxima passiva de 10° .

Comprometimento da amplitude de movimento passivo que atenda a 2 dos seguintes critérios em um ou ambos os MI.

- **Critério 1:** Déficit de flexão do quadril $> 45^\circ$;
- **Critério 2:** Déficit de extensão do quadril $> 25^\circ$;
- **Critério 3:** Déficit de flexão do joelho $> 60^\circ$;
- **Critério 4:** Déficit de extensão do joelho $> 30^\circ$;
- **Critério 5:** Dorsiflexão do tornozelo $\leq 10^\circ$ e amplitude máxima passiva de no máximo 10° ;
- **Critério 6:** Flexão plantar do tornozelo $\leq 20^\circ$ e amplitude máxima passiva de 10°

Ou

Três critérios de comprometimento da amplitude de movimento passivo

+

			Um dos critérios de força muscular prejudicada ou 4 cm de déficit de comprimento da perna.
<p>FORÇA MUSCULAR REDUZIDA (Potência muscular)</p>	<p><u>LESÃO DA MEDULA ESPINHAL,</u> <u>DISTROFIA MUSCULAR, LESÃO DO PLEXO BRAQUIAL,</u> <u>PARALISIA DE ERB,</u> <u>POLIOMIELITE, ESPINHA BÍFIDA.</u></p>	<p>Redução da potência muscular em um ou ambos MI em pelo menos 2 dos seguintes critérios:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Critério 1: Perda de força durante flexão do quadril de 3 pontos. <i>(grau 2 de força muscular)</i> - Critério 2: Perda de força durante extensão do quadril de 3 pontos. <i>(grau 2 de força muscular)</i> - Critério 3: Perda de força de abdução do quadril de 3 pontos. <i>(grau 2 de força muscular)</i> - Critério 4: Perda de força durante a adução do quadril de 3 pontos. <i>(grau 2 de força muscular)</i> - Critério 5: Perda de força durante a flexão do joelho de 3 	<p>Redução da potência muscular segundo 4 dos seguintes critérios em um ou ambos os MI.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Critério 1: Perda de força durante flexão do quadril de 3 pontos. <i>(grau 2 de força muscular)</i> - Critério 2: Perda de força durante extensão do quadril de 3 pontos. <i>(grau 2 de força muscular)</i> - Critério 3: Perda de força de abdução do quadril de 3 pontos. <i>(grau 2 de força muscular)</i> - Critério 4: Perda de força durante a adução do quadril de 3 pontos. <i>(grau 2 de força muscular);</i> - Critério 5: Perda de força durante a flexão do joelho de 3

		<p>pontos.</p> <p><i>(grau 2 de força muscular)</i></p> <p>- Critério 6: Perda de força durante a extensão do joelho de 3 pontos.</p> <p><i>(grau 2 de força muscular)</i></p> <p>- Critério 7: Perda de força durante a flexão plantar do tornozelo de 3 pontos.</p> <p><i>(grau 2 de força muscular)</i></p> <p>- Critério 8: Perda de força durante a dorsiflexão do tornozelo de 3 pontos.</p> <p><i>(grau 2 de força muscular)</i></p> <p>Ou</p> <p>Coluna: mobilidade severamente reduzida com caráter permanente, por ex.: escoliose com mais de 60° de Cobb. Faz-se necessária comprovação por RX.</p>	<p>pontos.</p> <p><i>(grau 2 de força muscular);</i></p> <p>- Critério 6: Perda de força durante a extensão do joelho de 3 pontos.</p> <p><i>(grau 2 de força muscular);</i></p> <p>- Critério 7: Perda de força durante a flexão plantar do tornozelo de 3 pontos.</p> <p><i>(grau 2 de força muscular);</i></p> <p>- Critério 8: Perda de força durante a dorsiflexão do tornozelo de 3 pontos.</p> <p><i>(grau 2 de força muscular)</i></p> <p>Ou</p> <p>Três (3) critérios de amplitude de movimento passiva prejudicada</p> <p>+</p> <p>Um (1) critério de redução da potência muscular ou 4 cm de déficit de comprimento da perna.</p>
<p>DIFERENÇA DE</p>		<p>A diferença de comprimento entre as pernas direita e</p>	<p>Diferença de comprimento da perna equivalente a amputação</p>

COMPRIMENTO DA PERNA		esquerda deve ser de pelo menos 7 cm.	unilateral acima do joelho.
		O comprimento deve ser feito a partir da extremidade inferior da EIAS ao ponto médio do maléolo medial do mesmo lado.	

*na classe WH2 o equilíbrio de tronco é normal enquanto que, na classe WH1 o equilíbrio e balanço do tronco é de moderado a fraco.

Quadro 2: Critérios de incapacidade mínima para jogadores de badminton com deficiência de membros inferiores (MI) que atuam de pé.

TIPO DE INCAPACIDADE FUNCIONAL	EXEMPLOS DE CONDIÇÕES DE SAÚDE QUE POSSAM CAUSAR TAIS INCAPACIDADES	SL4	SL3
<p>HIPERTONIA</p> <p>(ex.: hemiplegia, diplegia, quadriplegia e monoplegia)</p> <p>(paralisia cerebral, AVE, lesões cerebrais adquiridas e esclerose múltipla)</p>	<p><u>TÔNUS MUSCULAR ELEVADO</u></p> <p>Critérios de inclusão: Hipertonia, tônus muscular elevado.</p> <p>Critérios de exclusão: Tônus muscular reduzido.</p>	<p>Espasticidade / ataxia / hemiplegia atetóide / diplegia / quadriplegia com envolvimento moderado de MI, porém sem comprometimento ou com comprometimento leve dos MS.</p> <p>Demonstração de limitação funcional decorrente de espasticidade, ataxia, atetose ou movimentos distônicos durante treino ou competição. O atleta pode andar com uma pequena claudicação, mas, corre espontaneamente.</p> <p>Clara evidência deve incluir espasticidade grau 1-2 nos membros afetados (pelo menos uma perna deve ser afetado). A diferença clara precisa ser demonstrada entre alcance de movimento ativo X passivo. Além</p>	<p>Espasticidade / ataxia / hemiplegia atetóide / diplegia / quadriplegia com envolvimento marcante de MI, porém com incapacidade leve a moderada de MS.</p> <p>Demonstração de limitação funcional decorrente de espasticidade, ataxia, atetose ou movimentos distônicos durante treino ou competição. O atleta caminha ou corre claudicando devido a espasticidade no membro inferior.</p> <p>Clara evidência deve incluir espasticidade grau 2-3 no membro inferior afetado. A diferença clara precisa ser demonstrada entre alcance de movimento ativo X passivo. Além disso, uma clara diferença entre</p>
<p>ATAXIA</p> <p>Resultante de: Paralisia cerebral, lesões cerebrais, Ataxia de Friedreich, esclerose múltipla, ataxia espinocerebelar.</p>	<p><u>CONTROLE DO MOVIMENTO VOLUNTÁRIO</u></p> <p>Critérios de inclusão: Somente ataxia.</p> <p>Critérios de exclusão: Outras condições clínicas que incluam problemas de controle de movimento voluntário que não se enquadrem como ataxia.</p>		
<p>ATETOSE</p> <p>(Coréia, atetose. Ex.: decorrente de paralisia</p>	<p><u>CONTRAÇÕES MUSCULARES INVOLUNTÁRIAS</u></p> <p>Critérios de inclusão: Atetose,</p>		

<p>cerebral)</p>	<p>coréia.</p> <p>Critérios de exclusão: Distúrbios de movimentos relacionados ao sono.</p>	<p>disso, uma clara diferença entre mobilidade passiva rápida e lenta precisa ser demonstrada.</p> <p>Mais de UM dos sinais:</p> <p>1- Padrão reflexo do neurônio motor superior deve ser demonstrado por algum dos sinais abaixo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Babinski positivo unilateralmente. - Clônus unilateral presente em 4 testes ou mais. - Reflexos visivelmente rápidos ou diferença clara entre os reflexos do membro direito e esquerdo. <p>2- Contração irregular breve (coréia) e / ou movimentos lentos e involuntários com contorção (atetóide).</p> <p>3- Diferença de comprimento das pernas ou de cirtometria > do que 2 cm.</p> <p>4- Dismetria e /ou dissinergia.</p>	<p>mobilidade passiva rápida e lenta precisa ser demonstrada.</p> <p>O atleta tem dificuldade em andar sobre os calcanhares do lado comprometido e tem dificuldade significativa de realizar saltos, equilibrar-se e pisar com o lado da perna prejudicada.</p> <p>Mais de UM dos sinais:</p> <p>1- Padrão reflexo do neurônio motor superior deve ser demonstrado por algum dos sinais abaixo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Babinski positivo unilateralmente. - Clônus unilateral presente em 4 testes ou mais. - Reflexos visivelmente rápidos ou diferença clara entre os reflexos do membro direito e esquerdo. <p>2- Contração irregular breve (coréia) e / ou movimentos lentos e involuntários com</p>
-------------------------	---	---	---

		<p>Na monoplegia, a articulação do quadril deve estar envolvida com limitações na mobilidade passiva ou diferença de ADM ativa X passiva.</p> <p>Para ataxia e atetose o atleta deve ter sinais claros de disfunção cerebelar com incoordenação do membro inferior. Mostrar dificuldade moderada em parar, começar, girar, equilibrar o corpo e realizar movimentos explosivos.</p>	<p>contorção (atetóide).</p> <p>3- Diferença de comprimento das pernas ou de cirtometria > do que 2 cm.</p> <p>4- Dismetria e /ou dissinergia.</p> <p>Para ataxia e atetose o atleta deve ter sinais claros de disfunção cerebelar com incoordenação do membro inferior. Mostrar dificuldade moderada em parar, começar, girar, equilibrar o corpo e realizar movimentos explosivos.</p>
<p>DEFICIÊNCIAS DE MEMBROS (Amputação resultante de traumas ou deficiência congênita - dismelias)</p>	<p><u>AUSÊNCIA TOTAL OU PARCIAL DE OSSOS OU ARTICULAÇÕES DAS EXTREMIDADES INFERIORES.</u></p>	<p>Amputação Unilateral de metade do pé.</p> <p>Parâmetro deve ser realizado medindo-se o membro são à partir da extremidade do dedo grande até a parte posterior do calcâneo.</p> <p>Equivalente a deficiência congênita de membros.</p>	<p>Amputação unilateral através ou acima do joelho (amputação AK).</p> <p>Amputação bilateral abaixo do joelho (BK).</p> <p>Equivalente a deficiência congênita ou dismelia de perfil semelhante.</p>
<p>AMPLITUDE DE MOVIMENTO PASSIVO PREJUDICADO</p>	<p><u>MOBILIDADE ARTICULAR</u></p> <p>Critério de exclusão: Hiper mobilidade articular,</p>	<p>Comprometimento da amplitude de movimento passiva nos seguintes critérios em UM ou</p>	<p>Comprometimento da amplitude de movimento passiva em 4 dos seguintes critérios em UM ou</p>

<p>(artrocripbose, anquilose)</p>	<p>capsulite adesiva.</p>	<p>ambos os MI.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Crítério 1: Déficit de flexão do quadril > 45°; - Crítério 2: Déficit de extensão do quadril > 25°; - Crítério 3: Déficit de flexão do joelho > 60°; - Crítério 4: Déficit de extensão do joelho > 30°; - Crítério 5: Dorsiflexão do tornozelo ≤ 10° e amplitude máxima passiva de no máximo 10°; - Crítério 6: Flexão plantar do tornozelo ≤ 20° e amplitude máxima passiva de 10°. 	<p>ambos os MI.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Crítério 1: Déficit de flexão do quadril > 45°; - Crítério 2: Déficit de extensão do quadril > 25°; - Crítério 3: Déficit de flexão do joelho > 60°; - Crítério 4: Déficit de extensão do joelho > 30°; - Crítério 5: Dorsiflexão do tornozelo ≤ 10° e amplitude máxima passiva de no máximo 10°; - Crítério 6: Flexão plantar do tornozelo ≤ 20° e amplitude máxima passiva de 10°. <p>OU</p> <p>Três critérios de mobilização passiva</p> <p>+</p> <p>Um dos critérios de força muscular prejudicada ou 4 cm de déficit de comprimento da perna.</p>
-----------------------------------	---------------------------	---	---

**FORÇA MUSCULAR
REDUZIDA
(Potência muscular)**

LESÃO DA MEDULA ESPINHAL,
DISTROFIA MUSCULAR, LESÃO
DO PLEXO BRAQUIAL,
PARALISIA DE ERB,
POLIOMIELITE, ESPINHA BÍFIDA.

Redução da potência muscular em um ou ambos MI em pelo menos 2 dos seguintes critérios:

- **Critério 1:** Perda de força durante flexão do quadril de 3 pontos.

(grau 2 de força muscular)

- **Critério 2:** Perda de força durante extensão do quadril de 3 pontos.

(grau 2 de força muscular)

- **Critério 3:** Perda de força de abdução do quadril de 3 pontos.

(grau 2 de força muscular)

- **Critério 4:** Perda de força durante a adução do quadril de 3 pontos.

(grau 2 de força muscular)

- **Critério 5:** Perda de força durante a flexão do joelho de 3 pontos.

(grau 2 de força muscular)

- **Critério 6:** Perda de força

Redução da potência muscular em um ou ambos MI em pelo menos 4 dos seguintes critérios:

- **Critério 1:** Perda de força durante flexão do quadril de 3 pontos.

(grau 2 de força muscular)

- **Critério 2:** Perda de força durante extensão do quadril de 3 pontos.

(grau 2 de força muscular)

- **Critério 3:** Perda de força de abdução do quadril de 3 pontos.

(grau 2 de força muscular)

- **Critério 4:** Perda de força durante a adução do quadril de 3 pontos.

(grau 2 de força muscular)

- **Critério 5:** Perda de força durante a flexão do joelho de 3 pontos.

(grau 2 de força muscular);

- Critério 6: Perda de força

		<p>durante a extensão do joelho de 3 pontos.</p> <p><i>(grau 2 de força muscular)</i></p> <p>- Critério 7: Perda de força durante a flexão plantar do tornozelo de 3 pontos.</p> <p><i>(grau 2 de força muscular)</i></p> <p>- Critério 8: Perda de força durante a dorsiflexão do tornozelo de 3 pontos.</p> <p><i>(grau 2 de força muscular)</i></p> <p>Ou</p> <p>Coluna: mobilidade severamente reduzida com caráter permanente, por ex.: escoliose com mais de 60° de Cobb. Faz-se necessária comprovação por RX.</p>	<p>durante a extensão do joelho de 3 pontos.</p> <p><i>(grau 2 de força muscular)</i></p> <p>- Critério 7: Perda de força durante a flexão plantar do tornozelo de 3 pontos.</p> <p><i>(grau 2 de força muscular)</i></p> <p>- Critério 8: Perda de força durante a dorsiflexão do tornozelo de 3 pontos.</p> <p><i>(grau 2 de força muscular)</i></p> <p>Ou</p> <p>Três critérios de mobilização passiva</p> <p>+</p> <p>Um dos critérios de força muscular prejudicada ou 4 cm de déficit de comprimento da perna.</p>
<p>DIFERENÇA DE COMPRIMENTO DA PERNA</p>		<p>A diferença de comprimento entre as pernas direita e esquerda deve ser de pelo menos 7 cm.</p> <p>O comprimento deve ser feito a</p>	<p>Diferença de comprimento da perna equivalente a amputação unilateral acima do joelho.</p>

partir da extremidade inferior da EIAS ao ponto médio do maléolo medial do mesmo lado.

Quadro 3: Critérios de incapacidade mínima para jogadores de badminton com deficiência de membro superior (MS) que atuam de pé.

TIPO DE INCAPACIDADE FUNCIONAL	EXEMPLOS DE CONDIÇÕES DE SAÚDE QUE POSSAM CAUSAR TAIS INCAPACIDADES	SU5	
		NÃO JOGAM COM O BRAÇO	USAM O BRAÇO PARA JOGAR
<p>HIPERTONIA</p> <p>(ex.: hemiplegia, diplegia, quadriplegia e monoplegia)</p> <p>(paralisia cerebral, AVE, lesões cerebrais adquiridas e esclerose múltipla)</p>	<p><u>TÔNUS MUSCULAR ELEVADO</u></p> <p>Critérios de inclusão: Hipertonia, tônus muscular elevado.</p> <p>Critérios de exclusão: Tônus muscular reduzido.</p>	<p>Espasticidade / ataxia / hemiplegia atetóide / diplegia / monoplegia com envolvimento moderado de MS, porém com comprometimento muito leve dos MI.</p> <p>Demonstração de limitação funcional decorrente de espasticidade, ataxia, atetose ou movimentos distônicos durante treino ou competição.</p>	<p>Se apenas jogam com o braço deficiente então segue os mesmos critérios utilizados para os que não jogam com o braço.</p>
<p>ATAXIA</p> <p>Resultante de: Paralisia cerebral, lesões cerebrais, Ataxia de Friedreich, esclerose múltipla, ataxia espinocerebelar.</p>	<p><u>CONTROLE DO MOVIMENTO VOLUNTÁRIO</u></p> <p>Critérios de inclusão: Somente ataxia.</p> <p>Critérios de exclusão: Outras condições clínicas que incluam problemas de controle de movimento voluntário que não se enquadrem como ataxia.</p>	<p>Clara evidência deve incluir espasticidade grau 1-2 nos membros superiores afetados</p> <p>A diferença clara precisa ser demonstrada entre alcance de movimento ativo X passivo. Além disso, uma clara diferença entre mobilidade passiva rápida e lenta precisa ser demonstrada.</p>	

<p style="text-align: center;">ATETOSE</p> <p style="text-align: center;">(Coréia, atetose. Ex.: decorrente de paralisia cerebral)</p>	<p>Contrações musculares involuntárias</p> <p>Critérios de inclusão:</p> <p style="padding-left: 40px;">Atetose, coréia.</p> <p>Critérios de exclusão:</p> <p>Distúrbios de movimentos relacionados ao sono.</p>	<p style="text-align: center;">+</p> <p>O padrão reflexo do neurônio motor superior reflexo deve ser demonstrado:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Clônus unilateral presente em 4 testes ou mais. - Reflexos visivelmente rápidos ou diferença clara entre os reflexos do membro que não pode jogar com o membro são. <ul style="list-style-type: none"> - Diadocosinesia. - Dissinergia e dismetria. <p>No lado monoplégico, o cotovelo deve estar envolvido com limitações na amplitude de movimento articular.</p> <p>Para ataxia e atetose o atleta deve ter sinais claros de disfunção cerebelar com incoordenação do membro superior.</p>	
--	--	---	--

<p>DEFICIÊNCIAS DE MEMBROS</p> <p>(Amputação resultante de traumas ou deficiência congênita - dismelias)</p>	<p><u>AUSÊNCIA TOTAL OU PARCIAL DE OSSOS OU ARTICULAÇÕES DOS OMBROS E EXTREMIDADES SUPERIORES</u></p> <p>Artrodese do punho NÃO é elegível.</p>	<p>Para ser elegível para competir essa classe de atletas deve ter um dos seguintes padrões de comprometimento:</p> <p>1- Amputação unilateral, através ou acima do punho (isto é, ossos do carpo não devem estar presentes).</p> <p>2- Dismelia unilateral no qual o comprimento do braço está afetado.</p> <p>A medida deve ser realizada desde o acrômio à extremidade do dedo. Essa medida deverá ser \leq do que o comprimento combinado do úmero e o rádio do braço são.</p>	<p>Para ser elegível para competir, essa classe de atleta deve ter UM dos seguintes padrões de comprometimento:</p> <p>1- Amputação completa de pelo menos 3 dedos, excluindo o polegar e articulações metacarpofalangeanas devido a impossibilidade do posicionamento da raquete na mão do atleta.</p> <p>2- A amputação completa de pelo menos quatro dedos excluindo polegar e articulações metacarpofalangeanas.</p> <p>3- A amputação do polegar e eminência tenar.</p> <p>4- Deformidade congênita equivalente.</p>
<p>AMPLITUDE DE MOVIMENTO PASSIVO PREJUDICADO</p> <p>(artrogripose, anquilose)</p>	<p><u>MOBILIDADE ARTICULAR</u></p> <p>Critério de exclusão: Hiper mobilidade articular, capsulite adesiva.</p>	<p>Deficiência unilateral do MS com amplitude de movimento passiva que reúna TRÊS dos seguintes critérios:</p> <p>- Critério 1: Abdução do ombro ($<60^\circ$).</p> <p>- Critério 2: Limitação da</p>	<p>Atende UM (1) dos critérios:</p> <p>- Critério 1: Abdução do ombro ($<90^\circ$)</p> <p>- Critério 2: Flexão de ombro ($<90^\circ$)</p> <p>- Critério 3: Extensão horizontal</p>

		<p>amplitude de movimento de flexão passiva do ombro ($\leq 60^\circ$).</p> <p>- Critério 3: Limitação da amplitude de movimento de extensão passiva do ombro ($\leq 20^\circ$).</p> <p>- Critério 4: Déficit de extensão do cotovelo ($> 70^\circ$).</p>	<p>do ombro ($< 40^\circ$)</p> <p>- Critério 4: Rotação externa do ombro (quando o braço abduzido a 90°) alcance $< 60^\circ$.</p> <p>- Critério 5: Déficit de extensão do cotovelo ($\geq 45^\circ$)</p> <p>ou</p> <p>Anquilose em alguma posição</p> <p>- Critério 6: Anquilose do punho ($\geq 50^\circ$) de flexão ou extensão.</p> <p>- Critério 7: Quaisquer quatro dedos com $\leq 10^\circ$ de flexão / extensão na articulação metacarpofalangeana.</p>
<p>FORÇA MUSCULAR REDUZIDA</p> <p>(Potência muscular)</p> <p>Usar escala MRC</p>	<p>LESÃO DA MEDULA ESPINHAL, DISTROFIA MUSCULAR, LESÃO DO PLEXO BRAQUIAL, PARALISIA DE ERB, POLIOMIELITE, ESPINHA BÍFIDA.</p>	<p>Deficiência unilateral da força do MS em TRÊS dos seguintes critérios:</p> <p>- Critério 1: Perda de abdução do ombro de 3 pontos. (<i>grau 2 de força muscular</i>)</p> <p>- Critério 2: Perda de flexão do ombro de 3 pontos. (<i>grau 2 de força muscular</i>)</p>	<p>Apresentar UM dos seguintes critérios:</p> <p>- Critério 1: Perda de abdução do ombro de 3 pontos. (<i>grau 2 de força muscular</i>)</p> <p>- Critério 2: Perda de flexão do ombro de 3 pontos. (<i>grau 2 de força muscular</i>)</p> <p>- Critério 3: Perda de rotação</p>

		<ul style="list-style-type: none">- Critério 3: Perda de extensão do ombro de 3 pontos. <i>(grau 2 de força muscular)</i>- Critério 4: Perda de 2 graus de força muscular na flexão e extensão do cotovelo (isto é, 3 graus de força de flexores e extensores).	<p>interna de 3 pontos <i>(grau 2 de força muscular)</i></p> <ul style="list-style-type: none">- Critério 4: Perda de rotação externa do ombro de 3 pontos <i>(grau 2 de força muscular)</i>- Critério 5: Perda de flexão do cotovelo de 3 pontos <i>(grau 2 de força muscular).</i>- Critério 6: Perda de extensão do cotovelo de 3 pontos <i>(grau 2 de força muscular)</i>
--	--	--	--

Quadro 4: Critérios de incapacidade mínima para prática de badminton de jogadores com baixa estatura que atuam na posição de pé.

TIPO DE INCAPACIDADE FUNCIONAL	EXEMPLOS DE CONDIÇÕES DE SAÚDE QUE POSSAM CAUSAR TAIS INCAPACIDADES	SS6
<p align="center">BAIXA ESTATURA (acondroplasia ou outra)</p>	<p align="center"><u>DIMENSÕES ABERRANTES DE OSSOS DE MMII, MMSS OU TRONCO COM REDUÇÃO DA ESTATURA</u></p>	<p>Jogador deve ter idade > 18 anos</p> <p align="center">PARA O SEXO MASCULINO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a altura máxima em pé < / = 145 centímetros. - o comprimento do braço < / = 66 cm. - a soma da altura e comprimento do braço < / = 200 centímetros. <p align="center">PARA O SEXO FEMININO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a altura máxima em pé < / = 137 centímetros. - o comprimento do braço < / = 63 cm. - a soma da altura e comprimento do braço < / = 190 centímetros.

Altura máxima em pé: medida em posição de pé ereta, pé descalço e corpo contra a parede.

Comprimento do braço: medido a partir do acrômio para a ponta do dedo mais longo do braço. A medida deve ser tomada independentemente da contratura do cotovelo porque o comprimento efetivo do braço é reduzido por tal deficiência.

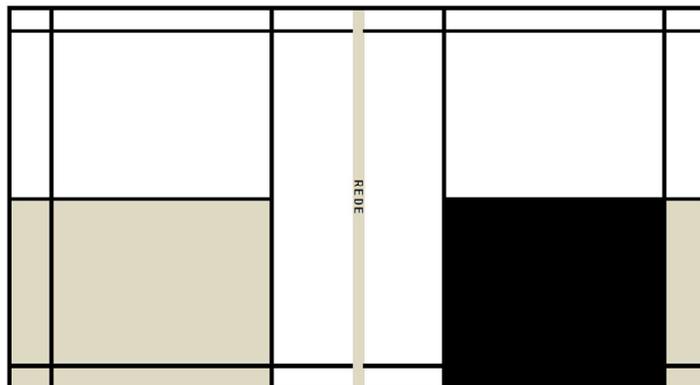
Quadro 5: Características e impedimento especiais necessários para prática de badminton por jogadores com outros tipos de deficiência que atuem na posição de pé.

TIPO DE IMPEDIMENTO ESPECIAL	EXEMPLOS DE CONDIÇÕES DE SAÚDE QUE POSSAM CAUSAR TAIS INCAPACIDADES	SI7
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL (dependente, treinável, educável e síndrome de down)	<u>PERTINENTES A DEFICIÊNCIA</u>	<p>É necessário um laudo médico que expresse os problemas funcionais ocasionados pela deficiência.</p> <p>É fundamental que se tenha liberação médica para prática de atividade física.</p>
LES AUTRES		
DEFICIÊNCIA AUDITIVA (surdo total ou parcial)		
CONDUTAS TÍPICAS		
MÚLTIPLAS DEFICIÊNCIAS		

ÁREA DE JOGO

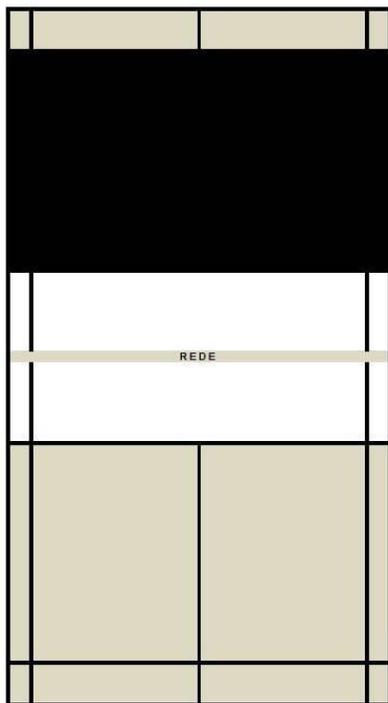
A área de jogo para cada classe segue a seguinte determinação:

CLASSE WH1 e WH2 SIMPLES

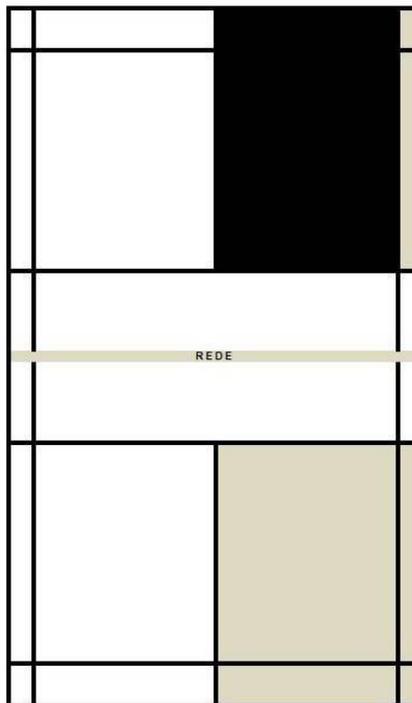


Legenda: Cor Cinza (área de jogo), Cor Preta (área de saque).

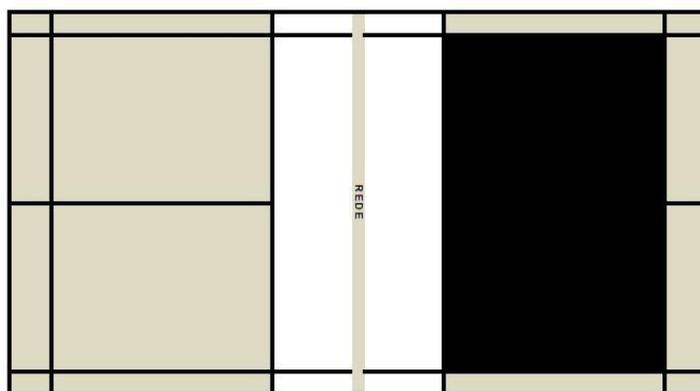
CLASSE WH1 e WH2 DUPLAS



CLASSE SL3 e SL4 SIMPLES



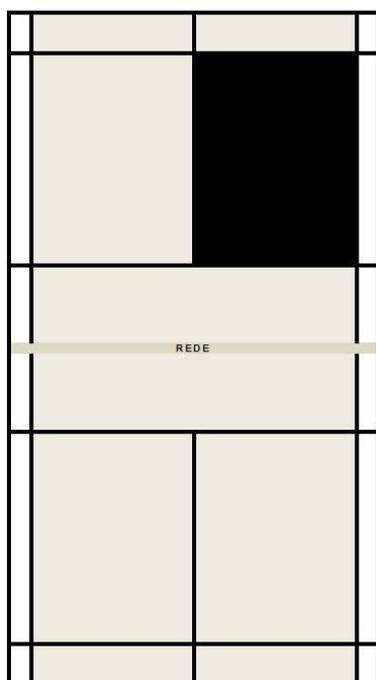
CLASSE SL3 e SL4 DUPLAS



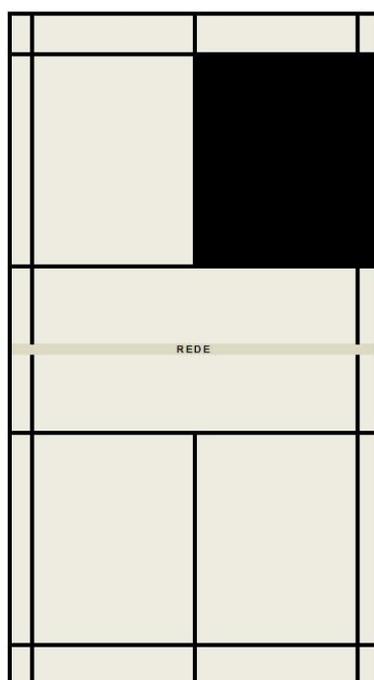
Legenda: Cor Cinza (área de jogo), Cor Preta (área de saque).

CLASSES SU5, SS6 e SI

SIMPLES



DUPLAS



SEMELHANTES AO BADMINTON CONVENCIONAL

Legenda: Cor Cinza (área de jogo), Cor Preta (área de saque).

PRIMEIROS DESAFIOS

Maria Gilda dos Santos

Todo aluno deve ser observado quanto a sua aptidão em relação à prática do esporte adaptado. Nesse sentido, encaminhamos alguns passos importantes para o primeiro contato com a modalidade:

- Fazer uma breve anamnese em relação ao tipo de deficiência apresentada pelo aluno (conhecer as causas, o histórico e o grau de comprometimento) para facilitar o encaminhamento das atividades assim como a limitação imposta pela deficiência em relação a alguns movimentos;

- Deixar o aluno à vontade para esclarecimentos, perguntas e dúvidas em relação a modalidade e procure sempre saber das suas pretensões para saber o limite certo da intensidade e estímulo em relação às atividades;

- Apresentar todo o equipamento: cadeira (quando necessário), raquete, peteca, rede e quadra, com suas dimensões e as primeiras noções do jogo.

- O aluno cadeirante precisa ser bem acomodado para que o mesmo não se machuque durante as atividades. A perda do medo em relação aos deslocamentos com a cadeira de rodas faz com que sua confiança na locomoção facilite o processo de adaptação do corpo ao equipamento.

PARTE TÉCNICA

- É importante observar a postura do aluno e de que forma está se locomovendo até conquistar confiança nele próprio e nas suas orientações;

- Com o auxílio de alguns acessórios, como cones ou algo que possa delimitar e demarcar espaços (próprio tubo de peteca), iniciar os deslocamentos que serão utilizados no jogo (direita, esquerda, frente e trás);

- Para o desenvolvimento do jogo é necessária a movimentação da cadeira empunhando a raquete, de preferência com a mão dominante;

- Dar sequência aos movimentos por, no mínimo, 10 minutos;

- Familiarizar, aos poucos, o aluno em relação aos nomes técnicos, golpes, empunhadura e todo o ritual que envolve o jogo;

- Fazer com que a experiência seja rica, prazerosa e motivante para que o aluno se sinta interessado em retornar para atividade no dia seguinte.

ORIENTAÇÕES PARA OS TREINOS

Maria Gilda dos Santos

Esta parte tem como intenção apresentar um pouco das ações que desenvolvemos ao longo destes três primeiros meses de trabalho. As atividades foram divididas em momentos baseados nos seguintes aspectos: adaptação ao material, noções de regra e área de jogo, aspectos técnicos, aspectos táticos, aspectos físicos.

1º MOMENTO:

- Alongamento (é explicado ao aluno a execução e o porquê de cada movimento);
- Apresentação dos equipamentos: Cadeira de rodas específica para prática da modalidade, raquete, peteca, rede, dimensões de quadra;
- Deslocamentos com a cadeira de rodas, quando cadeirante (o aluno começa tocar a cadeira para aprender a dominá-la);
- Manuseio da raquete (como segurar a raquete junto à cadeira) e domínio da peteca (percepção do voo);
- Tipos de empunhaduras da raquete (inicialmente utilizamos a pegada universal para costas da mão - backhand e palma da mão - forehand);

2º MOMENTO:

- Aquecimento em oito (deslocando a cadeira pela quadra desenhando imaginariamente um oito utilizando cones), frente e costa;
- Trabalho de lateralidade (deslocando a cadeira para a direita e esquerda, frente e costas lembrando sempre da posição básica que o aluno precisa ter);
- Golpes de backhand (golpes relacionados ao lado não dominante do corpo, sendo importante a vivência inicial do saque onde a peteca deve ser segurada com a mão oposta a da raquete na altura das axilas, quando cadeirante) e forehand (golpes relacionados ao lado dominante do corpo sendo importante a vivência com mais paciência por ser de mais difícil execução).

- Golpes utilizando a parede (golpeia a peteca em direção a uma parede e tenta acertar a sequência de saques por dois minutos e descansa um minuto, repetindo a série por alguns minutos), procurar não enfatizar o erro, corrigindo a postura do atleta e a empunhadura;

3° MOMENTO:

- Trabalho de deslocamento com a utilização da raquete;
- Deslocamento em forma de X (utilizando e contornando cones como referência);
- Apresentação da área de jogo, que é específica de acordo com a classificação esportiva recebida pelo atleta (ver a parte das regras);
- Percepção do voo da peteca em função do deslocamento e batida na peteca, trabalhando as distâncias curtas, médias e longas.

4° MOMENTO:

- Aquecimento em oito (idem ao primeiro item do 2° momento), frente e costa;
- Golpes trabalhando as distâncias curtas (fazendo com que a peteca fique o maior tempo possível em situação de jogo).

5° MOMENTO:

- Trabalhar a força com que se executa cada golpe trabalhando o domínio da peteca e do golpe a ser executado em função da distância (distâncias médias), do voo da peteca e do lado do corpo;
- Como sacar (são mostradas as formas de posicionamento da mão do atleta com a raquete no momento da batida na peteca);
- Iniciar o entendimento das principais situações de jogo saque e recepção.

6° MOMENTO:

- Deslocamento em quadra em maior amplitude sem a raquete em mãos (tocando a cadeira por toda a quadra para adquirir controle e condicionamento, quando cadeirante);
- Desenhar um oito com a raquete em punho (imaginariamente no ar);
- Golpes utilizando as distâncias longas (trabalhar as diferentes direções onde o saque pode ser finalizado e os diferentes tipos de recepção);
- Situação de jogo.

7° MOMENTO:

- Saques em diagonal (utilizado para partidas em duplas facilitando a assimilação do gesto técnico e o posicionamento na quadra).
- Posicionamento para recepção (o aluno aprende a se posicionar, conduzir a cadeira, preparar o golpe e voltar para posição básica);
- Estratégias de recepção (o aluno recebe o saque com mais velocidade trabalhando diferentes distâncias);
- Deslocamento com amplitude de quadra (o aluno se desloca ocupando todo o espaço da quadra);

A partir desta organização é possível fazer com que os alunos tenham importantes vivências na modalidade, possibilitando ao professor avaliar e perceber se o momento adequado é o aprofundamento das ações do jogo ou uma retomada dos momentos anteriores.

PPdSE

Marcelo de Castro Haiachi

O Projeto Paradesportivo de Sergipe (PPdSE) é uma iniciativa do Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) através de uma parceria com o Ministério do Esporte e a Federação Sergipana de Badminton. Ao utilizar o badminton como prática de atividade física e esportiva pretende-se contribuir para a mudança do olhar da população em relação às pessoas com deficiência e servir de estímulo para que as Pd pratiquem um esporte adaptado diferente. A possibilidade de aproximação com outros profissionais da Área da Saúde (Fisiologia, Medicina, Fisioterapia e Nutrição) e seus alunos de graduação, facilita o trabalho de integração entre estes dois universos tão distantes, a teoria e a prática.



A partir desta iniciativa multidisciplinar, foi feito o lançamento do PPdSe, onde todas as instituições de atendimento às Pd foram convidadas para se fazerem presentes e perceberem a importância e grandiosidade do projeto. Neste momento vivências esportivas foram programadas para que as pessoas entendessem como seriam desenvolvidas as atividades e quais ações seriam trabalhadas. O projeto trabalha com os seguintes esportes adaptados: badminton, handebol em cadeira de rodas, tênis de mesa, bocha, atletismo e futsal para surdos.



Após o lançamento oficial do projeto e do início das atividades, a Federação Sergipana de Badminton realiza a primeira competição no Estado reunindo 15 atletas. O evento foi um sucesso gerando repercussão na mídia televisiva o que deu ampla visibilidade as nossas ações mostrando que estamos no caminho certo.

3º CAMPEONATO ESTADUAL DE BADMINTON ETAPA ADULTO E 1º PARABADMINTON



13 de Abril de 2013
Aracaju/SE

Categorias:
 Simples Masculino
 Simples feminino
 Wheelchair (Cadeirante)
 Classe S9 (Deficiente intelectual)

Local: GINÁSIO POLIESPORTIVO DA UFS

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES
 UFS, terça e quinta, das 17h as 20h (Wendel e Marcelo)
 Colégio Brasília, quarta, das 18h as 20h (Gladston e João)

Realização:



Apoio:





Terceiro Campeonato Estadual de Badminton acontece na Universidade Federal de Sergipe - globoesporte | afiliada se - Catálogo de Vídeos

O Presidente da Federação Sergipana de Badminton fala como foi a organização da competição e da novidade que é o parabadminton.

ACESSE

Links com informações referentes ao Parabadminton:

- Badminton World Federation - <http://www.bwfbadminton.org>
- Pan Am Badminton Confederation - <http://www.badmintonpanam.org>
- Confederação Brasileira de Badminton - <http://www.badminton.org.br>
- Federação Sergipana de Badminton - <http://www.badminsergipe.org.br>
- Parabadminton Brasil - <http://parabadminton.blogspot.com.br>
- Projeto Paradesportivo de Sergipe – <http://www.ppdse.blogspot.com>

SOBRE OS AUTORES

Wendel Mota Ribeiro



Atualmente é presidente da Federação Sergipana de Badminton, professor efetivo da Secretaria Estadual de Educação de Sergipe e da Secretaria Municipal de Aracaju. Possui curso de Técnico Nacional de Badminton nível 1 pela Confederação Brasileira de Badminton (2012) e Tutor Shuttle Time pela Badminton World Federation. Atuou como técnico e preparador físico da Seleção Sergipana de Badminton de 2011 até a presente data; responsável pela qualificação de recursos humanos para badminton no estado de Sergipe de 2011 até a presente data.

Marcelo de Castro Haiachi



Atualmente é vice-presidente da Federação Sergipana de Badminton e professor efetivo do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe responsável pela disciplina de esportes de raquete. Possui curso de Técnico Estadual de Badminton pela Federação de Badminton do Estado do Rio de Janeiro e Professor Shuttle Time pela Badminton World Federation. Atuou como coordenador da Clínica de Treinamento em Badminton de 2011 até a presente data e é responsável pela organização dos Cursos Estaduais e Municipais para formação de Recursos Humanos para Badminton.

Maria Gilda dos Santos



Atualmente é diretora de Parabadminton pela Federação Sergipana de Badminton e aluna do curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. Participa enquanto atleta de diversos esportes adaptados como atletismo, natação, basquete em cadeira de rodas. É atleta do Projeto Paradesportivo de Sergipe nas modalidades Badminton e Handebol em Cadeira de Rodas. Árbitra de bocha paralímpica.

Ana Paula de Lima Ferreira



Atualmente é coordenadora da área de fisioterapia do Projeto Paradesportivo de Sergipe e Chefe de Classificação da Federação Sergipana de Badminton, nível estadual, para as ações de Parabadminton. Desenvolve projetos de inclusão social, desempenho e melhora das capacidades funcionais com atletas com deficiência em esportes adaptados como basquete em cadeira de rodas, voleibol sentado, badminton e handebol em cadeira de rodas.



FEDERAÇÃO SERGIPANA DE BADMINTON



Badminton and Parabadminton

One Sport, One Team

Practice this idea!